

A crítica
28/5/98 13

PESQUISAS

Indígenas cobram resultados

Antônio Menezes

Os índios desconhecem os resultados da maioria das pesquisas realizadas em suas áreas e com seu povo, afirmou ontem a encarregada do setor de saúde da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), Celina Cadená da Silva, 50.

Durante a exposição do tema "Ética e pesquisa envolvendo populações indígenas", no 1º Encontro Macro-Regional Norte de Saúde, Celina disse que plantas usadas pelos índios como a ayawaska já foram patenteadas pelos estrangeiros, que tinham livre acesso às áreas indígenas e nenhum compromisso com as suas populações.

"Os índios já foram muito ingênuos e deixavam todos entrar", afirmou Celina, assegurando que agora as lideranças estão mais atentas para a questão e o acesso está restrito. "Demos um basta na biopirataria que era comum".

Ao defender a necessidade de controlar a presença dos cientistas brancos nas áreas indígenas, Celina, que é índia da tribo baré, do município de São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus), afirmou que há muitos anos os indígenas testemunham os pesquisadores chegar, recolher materiais, usar os próprios índios para testes e depois sair sem deixar nada.

"Não temos conhecimento de nenhuma pesquisa que beneficie o nosso povo, mas sabemos que a ayawaska, uma planta sagrada para muitos índios, foi patenteada nos Estados Unidos", afirmou ela.

A ayawaska é uma planta sagrada para os índios da Amazônia, Peru, Bolívia, Equador e Colômbia. "Quem roubou a planta não se preocupou em mexer com uma tradição de tantos povos indígenas", reclamou.

A legislação, segundo Celina, pode ser um meio para restringir a presença dos pesquisadores, que já foi maior. "Não queremos impedir as pesquisas, mas que se forem feitas tenham resultados conhecidos pelos índios, para que estes possam ser beneficiados", informou.

A encarregada do setor de saúde da Coiab afirma que da forma como são feitas, as pesquisas desrespeitam as tradições e os costumes dos povos indígenas. Por isso defende a aplicação da lei.



Daniel Munhoz, Suse Dutra e Conceição Pinheiro estavam no encontro

Palestra aborda normas éticas

As normas éticas para disciplinar as pesquisas em populações indígenas foram o tema de palestra e debate ontem no 1º Encontro Macro-regional Norte de Saúde Indígena. Três especialistas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), do Ministério da Saúde (MS) ouviram as propostas das lideranças indígenas para iniciar a elaboração do trabalho que vai normatizar a Resolução nº 196/96, que trata sobre pesquisa envolvendo seres humanos.

O tema é tratado pela primeira vez no Brasil, único país da América Latina a ter legislação tratando do assunto, segundo informações do professor Daniel Munhoz, da Universidade de São Paulo (USP), um dos conferencistas. A lei recebeu até elogios da Organização dos Estados Americanos (OEA), revelou. Participaram do debate a professora Maria da Conceição Pinheiro, da Universidade do Pará, e Suse Dutra, psicóloga clínica de Belo Horizonte.

A Conep, segundo os professores, foi criada a partir da Resolução 196, que define como referen-

ciais básicos da bioética a autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. Por ser uma regra geral, a resolução tem áreas temáticas especiais como a pesquisa em populações indígenas, que começam a ser normatizadas. "Para elaborar essas normas, as populações serão ouvidas", disse Conceição.

Ao definir uma pesquisa ética como aquela cujos resultados são conhecidos e compartilhados pelos povos, Munhoz disse que essa é uma das proposições já recolhidas de algumas lideranças. "É necessário que os conhecimentos adquiridos nessas pesquisas tragam retorno para os povos", assegura ele.

Com a normatização, inclusive, os pesquisadores estrangeiros vão ter que obedecer normas específicas no País.

Mas o trabalho está no início, observa ele, que não tem maiores informações sobre o número de pesquisadores que atuam em áreas indígenas. "Nós vamos buscar essas informações com eles para elaborar as normas da Resolução 196, por isso estamos aqui", explicou.